

# O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO CONTEXTO ESCOLAR E A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA NO CONTEXTO ESCOLAR

CARVALHO, Elvio de - UFSM  
[elviocarvalho@hotmail.com](mailto:elviocarvalho@hotmail.com)

SILVA, Valmir da – UFSM  
[silvadoril@mail.ufsm.br](mailto:silvadoril@mail.ufsm.br)

Eixo temático: Profissionalização Docente e Formação

## Resumo

Desenvolvemos com esse trabalho uma análise filosófica sobre a prática do professor na disciplina de Filosofia em sala de aula. E a partir desta análise, consideramos como determinadas práticas podem ajudar no processo de formação da opinião pública do aluno no contexto escolar. Sob tal perspectiva, destacamos a ética e a política que prevalece como fundamentos da compreensão da própria natureza de educação. Estas análises implicaram igualmente explicitar o lugar e o papel da Filosofia da Educação como esforço hermenêutico de desvelamento não só das práticas educacionais dos professores, mas como também, as mudanças culturais da contemporaneidade. O trabalho permitiu, assim, não apenas interpelar momentos significativos da expressão histórica da Filosofia da Educação na cultura escolar, mas também debater conteúdos teóricos fundamentais do interesse filosófico sobre o significado educação, debate que se apresenta com renovada força para os educadores no enfrentamento dos novos desafios que estão sendo colocados pelas novas exigências políticas e sociais para o ensino da Filosofia. Para isso, estudamos teóricos como: (Habermas 1989) por entender a sua relevância no agir comunicativo por um embasamento formativo da opinião pública crítica, (Kant 2003) por entender sua relevância na formação ética e política e Severino (1986). Para desenvolver tal propósito, estamos alicerçados em quatro questões norteadoras: 1 compreender o que é uma situação filosófica, 2 apresentar critérios para desenvolver uma aula a partir de situações filosóficas; 3 entender como essa proposta se relaciona com as abordagens existentes; 4 desenvolver atividades que instigue a racionalidade comunicativa e a opinião pública crítica segundo Habermas. Nessa perspectiva, acreditamos ter contribuído para a geração de uma racionalidade autocrítica necessária na ótica intersubjetiva da compreensão, conectada a uma interpretação da realidade a fim de auxiliar o educador no seu papel docente.

**Palavras-chave:** Filosofia; Formação docente; Educação

## Considerações Iniciais

Nesse sentido, abordamos primeiramente o papel da Filosofia na formação da opinião pública e o professor de filosofia no contexto escolar. Inicialmente vamos supor que a escola se situa num espaço social determinado com regras pré-estabelecidas, e neste contexto escolar encontra-se um professor e um conjunto de indivíduos que estão querendo aprender algo significativo em suas vidas. Neste contexto, poderia se inserir situações filosóficas que possivelmente provocaria reflexões em direção a formação da opinião pública crítica. Cabe então ao professor enquanto intermediador filosófico, captar as situações filosóficas desenvolvidas pelos alunos em detrimento de algumas hipóteses levantadas em aula e assim, trabalha-las. Porém, é preciso saber o que fazer? Esta pergunta é desafiadora, pois na realidade vai exigir do educador conhecimento sobre os conteúdos filosóficos e principalmente, comprometimento com sua prática docente. Primeiro, a situação evidenciada poderá causar estranhamento tanto para o aluno quanto para o professor, pois em uma discussão que envolva o princípio dialético, muitas opiniões podem se convergir em diferentes horizontes, expressando assim, em muitos momentos, incertezas e estranhamento sobre a temática tratada em sala de aula. Entretanto, há casos em que o conteúdo elaborado e proposto deve ser pré-estabelecido pelo professor de Filosofia a fim de contribuir com a clareza e entendimento de determinado assunto, mas, o educador deve levar em consideração os anseios dos alunos sem perder sua autonomia como orientador a fim de determinar outros rumos para as discussões.

Nesse sentido, antes do professor adentrar na discussão em sala de aula sobre o tema opinião pública crítica, se faz necessário apresentar alguns critérios que abordem as situações filosóficas. Estas questões podem ser caracterizadas pelo estranhamento, ou seja, levar o aluno a se questionar sobre aquilo que é banal, comum no seu dia-a-dia. Um exemplo disso pode ser a propaganda de cerveja na mídia. Ela parece tão comum que nem se percebe o seu poder de influência e dominação sobre o consumidor. Algumas situações filosóficas poderão ajudar na desbanalização e na formação da opinião pública a cerca da propaganda da cerveja e do consumo exagerado da mesma que causa prejuízos e danos sociais: a propaganda mostra as estatísticas de dependência do álcool? Mostra a violência domestica causado pelo abuso do álcool? Mostra os acidentes com vítimas causadas pelo excesso da bebida? Mostra quanto os fabricantes recolhem aos cofres públicos com impostos e quanto o Estado gasta com o SUS para atender as vitimas de acidentes, violência e dependentes do álcool? Todas estas questões

farão com que os alunos comessem a pensar e analisar que a propaganda só mostra o que lhes interessa, e a partir daí, esta desbanalização do banal poderá atingir outras situações que envolva o dia-a-dia dos educandos.

Nesse sentido, o educador por meio de seus conhecimentos poderá a partir deste exemplo, esclarecer os alunos através da reflexão crítica, que o mundo está preso aos vícios e valores da indústria cultural, e que ele não tem de aceitar estas convicções e sim, questionar esse consumismo, assim o educador estará contribuindo para a formação e construção do sujeito autônomo e crítico, fazendo com que sua opinião seja semelhante ao que Habermas afirma,

[...] a condição de uma instância crítica em relação à publicidade normativamente imposta da execução do poder político e social, ou sirva como uma instância receptiva em relação à publicidade manipulativamente difundida de pessoas e instituições, bens de consumo ou programas. Na esfera pública ambos os tipos de publicidade estão presentes, mas “a” opinião pública é sua destinatária comum – trata-se então de examiná-la em busca de seus traços específicos. (HABERMAS, 1971, p.187).

Dessa forma, considera-se que as imagens vivenciadas através dos meios de comunicações, dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, das ilustrações de textos e histórias, são fortes instrumentos educativos, e considerações filosóficas significativas, necessitando, portanto serem trabalhadas, refletidas e questionadas criticamente no processo e na prática pedagógica.

Acreditamos que para estas e muitas outras propostas relevante para o aprendizado e a educação é necessário o comprometimento das instituições básicas como a disciplina de Filosofia, é aí, que se inicia o processo formativo do aluno crítico dotado de opinião pública. É preciso também que o professor leve em consideração o contexto escolar, a realidade em que os educandos estão inseridos, e principalmente ser coerente com a proposta de estudo. Outro aspecto importante nesse processo é considerar como critério contextual todas as variáveis relevantes do cotidiano do aluno para que o ensino de filosofia possa ter significado na aprendizagem do educando. Desse modo, o professor deve observar, por exemplo, a faixa etária dos alunos, o seu ambiente cultural, quais as suas preferências, quais as exigências da escola, da comunidade em que a escola situa-se.

A partir desse viés, parece ser bastante confiável desenvolver o ensino de Filosofia, já que a proposta a ser trabalhada requer uma análise adequada da importância da disciplina no processo formativo do aluno.

Logo em “Logik, ein Handbuch zu Vorlesungen” no parágrafo 119, Kant comenta que existem dois métodos para ensinar uma ciência: acromático e erotemático. No primeiro, o professor unicamente ensina, isto é, apenas expõe o conteúdo; no segundo, além de ensinar ele também interroga. O método erotemático, por sua vez, Kant o divide em diálogo socrático e em catequético, conforme a direção de perguntas: no primeiro o intelecto, no segundo, a memória. Nesse sentido, Kant ainda observa que só pode levar ensino pelo método erotemático se for pelo diálogo socrático no qual o professor e aluno devem mutuamente interrogar e responder, pois mediante o método catequético comum pode-se apenas indagar sobre o que foi acromaticamente ensinado. Segundo Kant, “o método catequético vale tão somente para os conhecimentos empíricos e históricos, ao passo que o diálogo vale, ao oposto, para os racionais” (KANT, 2003, p. 297).

Kant considera que “o conhecimento filosófico é conhecido racionalmente por conceitos” (KANT, 2001, B741), assim podemos concluir que o ensino de Filosofia deveria dar-se pelo método erotemático, em particular, pelo diálogo socrático. Ou seja, Kant estaria concordado com a proposta de ensino socrático que é o ideal para o ensino de Filosofia. Nesse sentido, o professor de Filosofia deve ter estes conceitos básicos muito claros para conduzir suas práticas em sala de aula.

As situações filosóficas são as ações cotidianas de cada ser humano em interação com a realidade. Os mestres da filosofia antiga, por exemplo, encontrava-se em situações corriqueiras, em meio a conversas surgiam dúvidas e divergência de opinião sobre diferentes temas, na sequência de seus diálogos eles procuravam solucionar-las, porém, sem estabelecerem verdades absolutas. A Filosofia ensinada nas escolas em geral, não considera uma pré-aprendizagem dos problemas que compõem as disciplinas filosóficas. Ou seja, cada campo de ensino possui seu campo de atuação e sua situação peculiar. Desse modo, pensamos ser necessário ensinar Filosofia a partir de uma pré-compreensão do que ela é. Além disso, é importante estimular os alunos a criarem situações filosóficas para que despertem para o gosto do diálogo e das discussões sobre os assuntos pertinentes a seus interesses assim, como o valor do saber filosófico.

O educador deve provocar situações filosóficas no espaço escolar, isso torna-se necessário para que os alunos tenham uma maior compreensão dos conteúdos filosóficos. Entretanto, só isso não é suficiente, é importante que os educandos, na condição de sujeitos autônomos e críticos, junto com o professor, atuem na perspectiva de buscar uma situação de diálogo reflexivo e emancipador frente as diferentes situações cotidianas da cultura contemporânea.

Nesse sentido, a contribuição da teoria da comunicação de Habermas na formação da opinião pública, a partir de um olhar filosófico, passa dar uma maior compreensão desse significado enquanto processo formativo e emancipador do aluno. Acreditamos ser possível recorrer à racionalidade comunicativa de Habermas, para buscar fundamentos necessários ao enfrentamento da cientificidade moderna que tomou conta da sociedade, conduzindo os sujeitos a agirem segundo os pressupostos da racionalidade instrumental (Habermas, 1989). Em meios possíveis de confronto com os paradigmas da modernidade, a opinião pública crítica poderá capacitar os indivíduos mediante a uma razão crítica e atuante. Nesse sentido, a razão pós-metafísica com o caráter de *telos* deverá criar possibilidades na discursividade entre sujeito e objeto, desse modo, o agir comunicativo, compreendido num desenvolvimento circular, possibilitará ao indivíduo, uma ação comunicativa racional e emancipadora. Com isso, dirigindo principalmente suas ações imputáveis e paralelamente produzidas nas tradições do seu meio.

Com isso, fica pré-entendido que a finalidade da ação comunicativa pelo sujeito é proclamar a veracidade ou legitimar a razão teórica. Assim, a teoria comunicativa buscará instrumentos analíticos que poderá conduzir ao discurso idealizado pelos sujeitos autônomos. Por outro lado, os sujeitos plenamente esclarecidos, através de uma moralidade ética vão procurar manifestar uma opinião pública diferenciada da trivialidade mundana. Em outro ponto, entende-se que a opinião pública foi gerada a partir de uma comunicação pública articulada pela vontade maior de uma comunidade.

Para justificar isso, Habermas utiliza o uso público da razão na tentativa de estabilizar a política, ou seja, a autoridade de direito para um fim comum. Sendo assim, a teoria discursiva democrática procura harmonizar as liberdades públicas com as privadas, priorizando a essência de cada uma. Assim, o agir comunicativo ressuscita o uso da racionalidade prática visando uma intersubjetividade compreensiva pelo sujeito engajado. Atualmente, os procedimentos de comunicação entre os sujeitos são influenciados pela cultura

de massa, que por sua vez, é influenciada pelos mecanismos de dominação cultural. Desse modo, os protagonistas com opinião pública podem ser considerados sujeitos especializados e capacitados por desempenharem racionalmente seu *logos*.

Dando seqüência a temática filosófica e sua contribuição a partir da prática e das metodologias usadas pelo educador no contexto escolar, sub-jaz, que a decodificação do espírito, ou seja, uma espécie de cultura de informação necessita de uma reassignificação que re-estabeleça o contato do sujeito frente ao objeto de uma forma crítica. Em contrapartida, uma grande parte de educadores estão preocupado em passar informações ou ensinar o aluno a pensar a partir do conhecimento do professor, tornando o indivíduo mero reprodutor de idéias. Quando que na verdade, o sujeito deve ser instigado a se utilizar do pensamento muna perspectiva hermenêutica, suscitando assim, uma sociedade de sujeitos responsáveis que, mesmo ainda em conjuntos se alinham numa ação determinada, dirigindo se a uma decisão cujo posicionamento não necessariamente seja unânime, mas que seja para o bem comum da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atual sociedade cientificista marcada por grandes descobertas tecnológicas que podem tornar os sujeitos reificados e passivos, a Filosofia da Educação poderá contribuir para o desenvolvimento crítico na formação da opinião pública no contexto escolar. A proposta de Habermas, por exemplo, é reconstruir alternativas viáveis na construção de um modelo racional que tenha a finalidade emancipatória do indivíduo, enquanto sujeito inserido no processo formativo coletivo da opinião pública crítica. Em meio a essas possíveis alternativas de libertação do sujeito de sua resignação para uma *práxis* poderá possibilitar um desempenho empreendedor na caminhada do sujeito em direção a sua emancipação crítica e humana. Sendo assim, a validade objetiva, a partir de uma compreensão filosófica, enquanto agir comunicativo poderá ser determinada por vontades subjetivas.

Além disso, consideramos importante para o educador ter pleno domínio dos conteúdos filosóficos a serem trabalhados em sala de aula. Fazendo uso de uma metodologia que venha atender as necessidades do aluno dentro de sua realidade cotidiana, ou seja, de sua cultura. Também, há de ser levado em consideração que não se pode ter como conhecimento a *priori* que estratégia de ensino terá mais sucesso nas praticas educativas, isto é, uma questão

empírica, só a prática poderá decidir sobre qual a melhor estratégia de ensino de Filosofia que possibilitará a formação da opinião pública. Na opinião de Severino (2006), a educação crítica pode realizar-se como reconstrução crítica da racionalidade social, revelando a deformação que produz em face de sua reificação e conduzindo-a a uma clara exposição de suas contradições e, por essa via, apreendendo nela as possibilidades alternativas transformadoras da subjetividade.

Contudo, sem uma formação crítica do professor de Filosofia, assim como uma reflexão sobre suas práticas metodologias apropriadas à realidade do aluno, a comunidade escolar, assim como a sociedade, ficaremos à mercê da cultura ideologicamente dominante. Em contrapartida, Habermas salienta que os educadores fundamentados num agir comunicativo, possibilitarão um desenvolvimento no processo intelectual e humano, na medida do uso reflexivo racional enquanto opinião pública crítica participativa e coletiva.

## REFERÊNCIAS

HABERMAS, J. Comunicação, opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel. (Org.). **Comunicação e indústria cultural**: Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade. São Paulo: Cia. Editora Nacional – Ed. da USP, Série 2ª, V. 39, 1971.

HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ciência e Técnica como Ideologia**. Madrid: Tecnos, 1997.

KANT, Immanuel. **Manual dos Cursos de Lógica Geral**. Tradução: Fausto Castilho. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: Alexandre Fradique Morijão e Manuela Pinto dos Santos. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia**. Madrid: Akal, 1983.

SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.